



# DENTRO DE CASA:

FOTODOCENTÁRIO SOBRE  
EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM  
LONDRINA.

Curso de Jornalismo - Universidade Estadual de Londrina  
(UEL) 2025

**Fotografia | Projeto Gráfico | Diagramação | Produção**  
Gabriela de Moura Rodrigues

**Orientador:** Profa. Dra.  
Maria Luisa Hoffmann

Gabriela de Moura  
Rodrigues  
Todos os direitos reservados  
Londrina, 2025.

# Apresentação

O trabalho doméstico sempre esteve marcado por desigualdades de gênero, raça e classe no Brasil. Para além das estatísticas, há histórias individuais que revelam a realidade cotidiana dessas trabalhadoras, muitas vezes invisibilizadas pela sociedade.

Este Trabalho de Conclusão de Curso documenta a trajetória de cinco empregadas domésticas na cidade de Londrina, no estado do Paraná, por meio de entrevistas e registros fotográficos. O resultado é este e-book, que busca representar sua rotina dentro dos lares, capturando não apenas os espaços, mas também as expressões, os gestos e os momentos que compõem seu dia a dia.

A fotografia aqui se torna um instrumento de reflexão e debate sobre as condições de vida das trabalhadoras domésticas em Londrina.





Ana Lúcia Alves de Lima,

56 anos

Desde que se entende por gente, lembra-se de estar trabalhando. Começou aos doze anos e defende, com firmeza, que a categoria de diarista não existe. Com a voz levemente alterada, explica que, sem pagar o INSS, fica sem nada. Ainda assim, reconhece que trabalhar como diarista pode render mais. Ao lembrar da família, sente uma ponta de dor, ao saber que os pais fugiram de casa com 13 ou 14 anos e nunca mais foram vistos, por causa disso não tem parentes próximos. Mesmo após vinte anos, sente muita falta da mãe e da família que não teve a oportunidade de conhecer. Cuidou de várias crianças e dos cachorros em sua trajetória como empregada doméstica, mas era na hora de se despedir que doía. Prometeu a si mesma nunca mais se apegar aos filhos dos outros. Chorou pelas crianças e pelos cachorros. Na década de 90, nasceu sua filha Joice, que contou com a contribuição de uma das famílias na sua criação. Fica contente ao falar que teve sorte com os patrões. Sorridente, toca seu piano, assiste a seu dorama, cuida de seus cachorros e não precisa dizer adeus a sua família.







## Lucimar Menezes de Souza, 58 anos

Começou como diarista aos dez anos de idade. Cuidava da casa e dos filhos, falando sobre o sofrimentos que os pais e o filhos cometem. Conta alguns relatos de discriminação dos patrões e fala da necessidade de saber se impor e não voltar a trabalhar nesses locais. Recordando que sua mãe a colocou para trabalhar na casa dos outros e, às vezes, uma das patroas a colocava pra comer fora de casa, aos seus 12 anos. Segurando seu cachorro chamado Toco em seu colo, vai compartilhando diversas histórias tanto dos seus familiares, quanto suas ao longo da sua vida. Gosta de ser diarista porque se a alguém desrespeita, ela pode ir embora.







## Claudeci Francisca de Melo, 55 anos

Prefere ser chamada de Kimico, seu apelido de infância e o nome pelo qual todos a conhecem. “É Kimico pra cá, é Kimico pra lá”. Começou a trabalhar aos doze anos. Cuidava da casa e dos três filhos da patroa, levando-os e buscando-os na escola. Ao longo da vida, sempre dedicou o seu tempo e cuidado para a sua família e se tornou um pilar de sustentação quando sua mãe ficou doente. Levemente envergonhada, mas a cada comentário sempre com um grande sorriso no rosto, nos disse que desejava ser enfermeira, mas era muito desajeitada para alcançar o desejo. Kimico atualmente trabalha registrada na casa de uma família pela qual tem muito afeto porque ela é capaz de se sentir em casa.







## Rosimeire Costa Teixeira, 41 anos

Rose sorri o tempo inteiro. Enquanto trabalha, conta histórias e mantém o sorriso no rosto. De aparência jovial, compartilha que cresceu na casa da avó e, aos 18 anos, começou a trabalhar. Casou-se e teve seu primeiro filho. Trabalhou como empregada doméstica, mas, por não se sentir bem tratada em algumas experiências, optou pelo serviço de diarista, que lhe proporciona uma remuneração melhor. Rose lembra que define seu preço, mas muitas vezes não recebe o devido valor pelo seu trabalho. Em casa, tenta conciliar os cuidados domésticos com as crianças e a recém-chegada neta na família.





HUGGIES



## Sueli Menezes, 56 anos

Chegou a Londrina aos 14 anos e, ao completar 15, começou a trabalhar como babá, passando a morar com a patroa. Além de cuidar das crianças, ajudava nos afazeres domésticos com o apoio de uma diarista. Com o tempo, começou a namorar e tornou-se empregada doméstica. No entanto, sua rotina mudou completamente com o nascimento de seu primogênito, Reginaldo, que necessita de cuidados 24 horas por dia até os dias de hoje. Quando Régis completou cinco anos, ao levá-lo para a escola especial e às sessões de fisioterapia, Sueli começou a aceitar algumas diárias para complementar a renda. Assim, tornou-se diarista, profissão que lhe oferece maior flexibilidade para conciliar o trabalho com os cuidados de Régis e de sua outra filha, Rafaela. Ela conta que suas patroas sempre foram compreensivas em relação às necessidades do filho e permitiam que ela o levasse ao trabalho quando necessário.

